

A nutricionista Verónica da penitenciária de Valparaíso veio e entrevistou John e outros, prometendo começar a dieta para eles na sexta ou segunda-feira. Ela se lembrava de John do módulo 118 e duvidou da história de Felipe de que todo o módulo havia mudado para o 109 já que não tinha feito nenhuma alteração no cronograma de dieta do 118. O peso de John (vestindo suéter de inverno e roupa térmica) era de 127 quilos, basicamente o mesmo que pesou em Rancagua, mas claramente mais pesado (um furo a mais no cinto) que no ponto mais baixo durante a quase-inanição vivida em Rancagua. Ele também recuperou um centímetro, voltando a ter 187. John preparou cedo sua bolsa de encomenda de saída e, além de caminhar e escrever um pouco, não fez mais nada além de vencer Mario 3 duas vezes no xadrez—chegando à partida número trezentos e sessenta e seis. O rancho do meio-dia foi um dos melhores que John viu no ano: batatas cozidas em pedaços, cenouras e cebolas com pedaços de carne de porco, além de salada de cenoura ralada com alface. “A nutricionista devia visitar mais vezes,” pensou John, “assim os pacos e o pessoal de cozinha fariam comida melhor para impressioná-la.” Verónica perguntou sobre que alimentos eram levados para ele em visitas e encomenda, muito mais frequente do que em Valparaíso (onde ambas as coisas se reuniam em dois dias, contra mais de quatro dias por semana em Casablanca). Ela ficou meio confusa ao ouvir John descrever a variedade de comida que podia comer, evitando assim quase sempre o rancho. Se mostrou surpresa que ele e outros presos crônicos tivessem que comer rancho em vez de dieta, mas não houve dieta nos nove meses de John na delegacia, e nunca tinha visto nutricionista, médico ou sequer enfermeira. Será que Verónica achava mesmo que os pacos se preocupavam mesmo com a comida ou dieta dos doentes? Pelo que John ouvia dos outros, não havia nutricionista no local há anos, muito menos equipe médica treinada. Ela sabia que a falta de atendimento médico contribuiu para a morte de Marcelo 2? No fim, John achou que ela provavelmente só se livrou do incômodo de consciência enxergando como ineficiência inevitável, pensando talvez: “O que importa, já que eram todos criminosos?” Pamela achou a história um pouco engraçada e revelou que a única “ajuda” real de Solange foi dar o número de telefone do Roa (a linha geral da cadeia em Casablanca), o que não adiantava de nada, já que Roa não aceitava ou não podia marcar exames médicos para o marido. Pamela tentaria ligar para as duas pessoas que falaram com John recentemente da Defensoria Pública Regional. Sempre havia uma van da gendarmería estacionada na frente da cadeia, então ela se perguntava por que diziam que não havia veículo para levar John ao médico ou hospital.